



**O TEMPO DO ENVELHECIMENTO: FASE,
DESGASTE OU METAMORFOSE**

**AGING TIME: STEP, WEAR OR
METAMORPHOSIS**

Trevisan, Mauro¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma reflexão filosófica-antropológica acerca da pessoa no processo do envelhecimento, recorrendo a autores com o intuito de perceber que a senescência é mais uma fase pela qual todos nós passaremos um dia. O envelhecimento para muitos pode ser um desgaste, um período de mudanças e transformações, ou no contexto da sociedade capitalista sem utilidade, valor, descartado. A reflexão percorre ainda as fases do envelhecimento, destacando como é em cada uma dessas fases. A gerontologia é uma área multicultural e de grande importância que começa a ser conhecida e divulgada com maior frequência em nossos dias, espera-se que com a respectiva reflexão possa contribuir.

Palavras-Chave: Reflexão; Gerontologia; Envelhecimento; Fase.

ABSTRACT

This article aims to make a philosophical-anthropological reflection about the person in the aging process, using the authors in order to realize that senescence is another phase in which all of us will one day. The aging for many may be a shortfall, a period of change and transformation, or in the context of capitalist society without utility, value, discarded. The debate still goes through the stages of aging, highlighting how each of these phases. Gerontology is a multicultural area of great importance is beginning to be known and disclosed more frequently these days, it is expected that with its reflection can contribute.

Keywords: Reflection; Gerontology; Aging; Phase.

¹ Licenciado em Filosofia pela USF-SP; Especialista em Direito Civil Processo Civil pela UNIPAR-PR; Mestrado em Filosofia pela PUC-PR e em Gerontologia pela UCB-DF; Professor das seguintes Instituições em Brasília: Faculdade LS, e Centro Educacional Adventista. E-mail: professormauro.trevisan@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1774573000241520>.

Introdução

O tempo do envelhecimento ou a fase do envelhecimento, recorremos ao pensamento de Fernando Pessoa, onde destaca que “há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já não têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

O estudo da fase da velhice não é um conceito ou uma idéia aceita pela grande maioria da população, porque passamos a percorrer um caminho considerado difícil, por estar associado à morte, e, que na maioria das vezes é negado.

Conforme aponta Schwarz (2009), é como se fossemos para dentro de um labirinto. “O labirinto do tempo do envelhecimento, um tempo que, se for medido por meio de números, leva-nos a questionar se já estamos vivendo mais do que as estatísticas e as tabelas de expectativa de vida estabelecem”. (SCHWARZ, 2009, p.29). Considerando esse aspecto, poderíamos nos questionar: quanto tempo ainda nos resta? Há diferença em viver em um país em desenvolvimento? Ou viver-se-ia, mais em um país desenvolvido? A questão não é apenas quantitativa.

Vale ressaltar ainda Paul Ricouer, na obra “*Tempo e narrativa*”, onde retoma a questão agostiniana, sobre a medida do tempo. Conforme Ricouer (1994, p. 30), “passar, com efeito, é transitar”. E, o autor argumenta ainda que passar é ir do (ex) pelo (per) presente, ao (in) passado. E vale complementar:

Esse trânsito confirma assim que a medida do tempo se faz “num certo espaço” (*in aliquo spatio*) e que todas as relações entre intervalos de tempo concernem a “espaços de tempo” (*spatia*

temporum) (*ibidi.*). o impasse parece total: o tempo não tem espaço – ora, “o que não tem espaço, nós não medimos” (*ibidi.*)(RICOUER, 1994, p.31).

O tempo tem como espaço a memória e narrar é reviver o tempo passado. Passado e futuro não existiriam e só seriam modalidades do presente e se este não tem duração, o tempo não é, e a história não existe.

É possível medir o tempo? Se não pode ser mais longo ou mais curto, sem que deixe antes de ser. Com efeito, quando o presente parece se tornar mais longo para nós, é porque já é passado e não existe mais, e quando o vislumbramos à frente, é porque é futuro e ainda não existe:

Onde se encontra então o tempo que possa ser chamado de longo? O futuro? Não dizemos certamente que é longo, porque não existe ainda. Dizemos, sim, que será longo. E quando será? Se esse tempo ainda agora está por vir, não será longo, pois ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Mas só o poderá começar a ser, no instante em que nascer desse futuro – que ainda não existe – e se tornar tempo presente, porque só então será capaz de ser longo. Mas, pelo que dissemos até aqui, o presente clama que não pode ser longo (AGOSTINHO. **Confissões**. XI, 15, 20).

Aqui é preciso analisar os argumentos de Agostinho: Ricouer, (1994) destaca, se o movimento dos astros é o tempo, por que não dizê-lo também do movimento de qualquer corpo. Daí observa-se que ora, qualquer que seja o tempo que leve para este corpo se deslocar de um ponto a outro, resta que o deslocamento seja sempre o mesmo.

Portanto, o movimento do corpo é diferente da medida de sua duração. E quem não entende qual destas duas realidades deva ser chamada de tempo? Se um corpo, ora se move de maneira desigual, ora está parado, medimos com o tempo, não só o seu movimento, mas



também o seu repouso, e dizemos: “Esteve tanto tempo parado quanto em movimento”; ou “Esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento”; ou qualquer outro intervalo de tempo, que aproximadamente tenhamos calculado ou avaliado. Em conclusão, o tempo não é o movimento dos corpos. (AGOSTINHO. **Confissões**. XI, 24, 31).

Podemos concluir com Agostinho “(...) que o tempo nada mais é do que uma extensão” (Confissões, XI, 26, 33). Mas o que é esta extensão? Para explicá-la, Agostinho recorre a um termo que chama de “distensão”. De sorte que o tempo é um *distentio animi* (*distensão da alma*), que consiste em permitir, a coexistência no presente, do passado e do futuro. De resto, é esta *distensão* que lhe dá precisamente uma *extensão*, que nos permite então medi-lo. O tempo é, pois, resumindo: “a extensão da própria alma” (Confissões, XI, 26, 33).

O tempo se resume a um instante indivisível, que chamamos presente, e que não pode, doravante, ser medido. Observa-se ainda quanto ao futuro, e ao passado, na interpretação do próprio Agostinho:

Com efeito, medimos o tempo, mas não o que ainda não existe, nem o que já não existe, nem o que não tem extensão, nem o que não tem limites. Em outras palavras, não medimos o futuro, nem o passado, nem o presente, nem o tempo que está passando. E, no entanto, medimos o tempo (AGOSTINHO. **Confissões**. XI, 27, 34).

Dessa reflexão acima sobre o tempo e a medida do tempo em relação a idade ou aquilo que chamamos de (fase) é passível que em Agostinho a idade refira-se ao desgaste do tempo, que deve ser analisado em relação ao cuidado que a pessoa teve no decorrer de sua vida, quais foram as medidas tomadas para evitar esse desgaste no transcurso da vida, cuidados esses relacionados a alimentação, os abusos.

Quando recorremos ao pensamento de

Paula Carvalho (1999, p.30) com Jung (1993) fala do sentido de cada fase e diz que precisamos estar “atentos para aquelas pelas quais já passamos – pois teremos um dever de ‘compreender’ aquelas pelas quais já passamos, como infância e a juventude e em não transformá-las, quando vividas por outros mais jovens que nós, em propostas preconceituosas de ‘como’ vivê-las, julgando-as segundo nossa experiência vivida. Um dever do adulto é, se vive com plenitude, desenvolver a abertura e a receptividade – e mais ainda para aquelas fases por que ainda não passamos, a morte inclusive. O melhor é dosar entre certa preparação e o deixar-se surpreender, espontaneamente” (PAULA CARVALHO, 1999, p.30)

O que importa é adotar a “**prática da sugestão**”, mostrar o que não fazer, dizer como e não os quês tendo presente a **alteridade**.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender um pouco mais acerca das fases do envelhecimento.

As fases do envelhecimento humano

A velhice, com suas peculiaridades, é passível de compreensão a relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, bio-fisiológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso. Observa-se que há correspondência entre a concepção de velhice, presente em uma sociedade e, as atitudes frente às pessoas que estão envelhecendo.

Cada vez mais, o envelhecimento humano, é entendido como um processo influenciado por fatores, como gênero, classe social, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade, entre outros.

Nos últimos anos muito se discutiu



sobre as condições dos idosos, além disso, é preciso observar a forma como a sociedade, pautada nos princípios capitalista e de produtividade, discrimina e segregam os idosos menos favorecidos social e economicamente.

“A transição entre a manhã da vida e o depois do meio dia da vida dá-se por uma transmutação de valores. Sem nenhuma preparação os homens chegam à segunda metade da vida, e de modo quase que imprevisto; pior ainda, atingimos o após meio-dia da vida cheios de preconceitos, de ideais, de verdades que eram até agora nosso arsenal. Ora, é impossível viver o crepúsculo da vida com a mesma programação da manhã, pois aquilo que era então importante, provavelmente será de pouca significação e a verdade da manhã será o erro do crepúsculo” (JUNG, apud CARVALHO, 1999, p 30).

Nessa linha de raciocínio que Carvalho destaca podemos chamá-la de transitoriedade da vida, o próprio Viktor Frankl, faz menção a essa idéia:

[...], a pessoa que enfrenta ativamente os problemas da vida é como aquela que, dia após dia, vai destacando cada folha do seu calendário e cuidadosamente a guarda junto às precedentes, tendo primeiro feito no verso alguns apontamentos referentes ao dia que passou. É com orgulho e alegria que ela pode pensar em toda a riqueza contida nessas anotações, em toda a vida que ela já viveu em plenitude. Que lhe importa notar que está ficando velha? Terá ela alguma razão para ficar invejando os jovens que vê, ou decair na nostalgia por ter perdido a juventude? (FRANKL, 2008, p.144).

Nem sempre é fácil enfrentar a transitoriedade da vida, muitos ficam presos no passado e esquecem o presente, outros, demasiadamente presos no futuro e insistem em não aceitar o presente, a transição, dar-se-á, sempre por uma transmutação de valores. E, é válido retomar uma idéia de

Carvalho (1999, p.30) “[...] Sem nenhuma preparação os homens chegam à segunda metade da vida, e de modo quase que imprevisto”.

Essa idéia é reforçada por Frankl, ao falar “a pessoa que enfrenta os problemas da vida”, nem todos conseguem; o transcorrer dos dias ensina a superar e suportar muitas dificuldades e encontrar sentido mesmo em situações desfavoráveis.

Fase cronológica

A fase cronológica refere-se ao número de anos que tem decorrido desde o nascimento da pessoa, não se tratando de um índice de desenvolvimento biológico, psicológico e social, pois ela por si só não causa o desenvolvimento.

No ponto de vista de Vieira (1996), os processos de envelhecimento se iniciam desde a concepção, sendo então a velhice definida como um processo dinâmico e progressivo no qual ocorrem modificações, tanto morfológicas, funcionais e bioquímicas, como psicológicas, que determinam a progressiva perda das capacidades de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos.

É importante observar a visão de Netto (2006, p.09), que

Discute-se ainda hoje se o envelhecimento tem início logo após a concepção, no final da terceira década da vida ou próximo do final da existência do indivíduo. Esse aspecto, associado à inexistência de marcadores biofisiológicos eficazes e confiáveis do processo de envelhecimento, justifica a dificuldade de se definir a idade biológica.

Okuma (1998) acrescenta que a velhice não se define simplesmente pela cronologia, e sim pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde do indivíduo, sugerindo que o processo de



envelhecimento é pessoal e diferenciado. Nessa perspectiva, o envelhecimento humano constitui um padrão de modificações e não um processo unilateral, mas sim, a soma de vários processos entre si, os quais envolvem aspectos biopsicossociais.

Na velhice como em qualquer outra idade, há pessoas sãs e pessoas doentes. É evidente que muitas das enfermidades, que se dizem próprias da velhice, já existiam antes da chegada desta faixa etária, somente se manifestavam com menor intensidade, porém agora na velhice, aceleram o seu curso. Este fato não exclui que com o passar dos anos, processe-se no organismo mudanças naturais que constituam uma velhice sã e normal.

Fase biológica

A fase biológica é definida pelas modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano, que pode ser compreendido como um processo que se inicia antes do nascimento do indivíduo e se estende por toda a existência humana.

Quando a velhice chega, as alterações anatômicas são principalmente as mais visíveis e manifestam-se em primeiro lugar. A pele que resseca, tornando-se mais quebradiça e pálida, perdendo o brilho natural da jovialidade. Os cabelos que embranquecem e caem com maior frequência e facilidade não são mais naturalmente substituídos, principalmente nos homens.

O enfraquecimento do tônus muscular e da constituição óssea leva a mudanças na postura do tronco e das pernas, acentuando ainda mais as curvaturas da coluna torácica e lombar. As articulações tornam-se mais endurecidas, reduzindo assim a extensão dos movimentos e produzindo alterações no equilíbrio e na marcha. Nas vísceras, produz-se uma alteração causada pelos elementos glandulares do tecido conjuntivo

e certa atrofia secundária, como a perda de peso. Quanto ao sistema cardiovascular, é própria das fases adiantadas da velhice a dilatação aórtica e a hipertrofia e dilatação do ventrículo esquerdo do coração, associados a um ligeiro aumento da pressão arterial.

Na parte fisiológica Rebelatto e Morelli (2004), afirmam que o idoso também apresenta algumas alterações características e que podem dar a idéia de sua formação típica. É o aumento dos diâmetros da caixa torácica e do crânio, a continuidade do crescimento do nariz e do pavilhão auditivo. Ocorre também aumento do tecido adiposo, principalmente em regiões características como a região abdominal.

O teor de água corporal diminui, pela perda hídrica intracelular, há perda de potássio. Esses fatos levam o idoso a perder massa corporal, afetando vários órgãos, como os rins e o fígado, mas os músculos são os que mais sofrem com essa perda de massa com o passar do tempo. A pele fica menos elástica por causa da alteração da elastina e ocorre diminuição da espessura de pele e do tecido subcutâneo, levando ao aparecimento das rugas, ocorrendo também alterações nos melanócitos, que são células que dão a cor à pele, que levam a formação de manchas, hiperpigmentadas, marrom e lisa, principalmente na face e dorso da mão.

Para Guccione (1993), as alterações ligadas à idade modificam não apenas o tendão, mas também as enteses. Essas alterações tornam o idoso mais vulnerável à lesão dos tendões por reduzirem a distensibilidade do colágeno e das fibras elásticas quando pressionadas até a atividade vigorosa completa.

Guccione (1993) destaca que essas alterações começam em torno dos 40 anos de idade e são mais perceptíveis em mulheres do que nos homens. Nas mulheres no processo de envelhecimento, a perda óssea começa em uma taxa de 0,75% a 1% por ano, iniciando entre os 30 e 35 anos de idade. Uma taxa mais elevada (2% a 3%) de



perda mineral óssea acontece depois da menopausa. Uma perda maior tem lugar na coluna vertebral nos cinco anos depois da menopausa.

A fase social

Sociólogos e psicólogos chamam a atenção para o fato de que, além das alterações biológicas, podem ser observados processos de desenvolvimento social e psicológicos alterados em algumas das suas funções, como também problemas de integração e adaptação social do indivíduo.

Observa Netto (2006), que a fase social tem relação com a avaliação da capacidade de adequação de um indivíduo.

A fase social é definida pela obtenção de hábitos e *status* social pelo indivíduo em relação a sua idade, sua cultura e em seu grupo social. Neri (2005), reforça a ideia acima exposta, “a idade social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade”.

Ocorre que a experiência do envelhecimento e velhice pode variar no tempo histórico de uma sociedade, pois o início dela é demarcado em cada época por critérios estabelecidos para agrupar categorias etárias.

Na interpretação de (Neri e Freire, 2000), a sociedade não o faz com base em pura invenção, mas como resposta a mudanças evolutivas compartilhadas pela maioria das pessoas dos vários grupos etários, seja em virtude de determinação biológica, seja em virtude de determinação histórica e social.

A fase social corresponde, assim, aos comportamentos atribuídos aos papéis etários que a sociedade determina para os seus membros. Ela é composta por atributos que caracterizam as pessoas e variam de acordo com a cultura, o gênero, a classe social, o transcorrer das gerações e das

condições de vida e de trabalho, sendo que as desigualdades destas condições levam a desigualdades no processo de envelhecer.

A cultura tem um importante papel nesse aspecto, pois define como uma sociedade vê os idosos e o processo de envelhecimento.

A fase psicológica

O conceito de fase psicológica se refere à relação que existe entre a idade cronológica e às capacidades psicológicas, tais como percepção, aprendizagem e memória, as quais prenunciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo (Neri, 2005).

A fase psicológica refere-se aos padrões de comportamento adquiridos e mantidos ao longo da vida e tem uma influência direta na forma como as pessoas envelhecem. Neri (2001) define a idade psicológica como “a maneira como cada indivíduo avalia em si mesmo a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos da idade, com base em mecanismos de comparação social mediados por normas etárias”.

Em parte, a caracterização do indivíduo como velho é dada quando ele começa a ter lapsos de memória, dificuldade de aprendizado, falhas de atenção, orientação e concentração, comparativamente com suas capacidades cognitivas anteriores. Sabe-se que mesmo durante o processo de envelhecimento normal, algumas capacidades cognitivas como a rapidez de aprendizagem e a memória diminuem naturalmente com a idade.

No entanto, essas perdas podem ser compensadas por ganhos em sabedoria, conhecimento e experiência. Felizmente, na maioria das vezes, o declínio no funcionamento cognitivo é provocado pelo desuso (falta de prática), doenças (como depressão), fatores comportamentais (como consumo de álcool e medicamentos), fatores psicológicos (por exemplo, falta de



motivação, de confiança e baixas expectativas) e fatores sociais (como a solidão e o isolamento), mais do que o envelhecimento em si (WHO, 2005).

Envelhecimento:

Desgaste ou metamorfose

Aqui lembremos novamente Agostinho (Confissões, XI, 4; XII, 8.) a primeira coisa que caracteriza o âmbito do tempo, é que as coisas criadas se transformam e estão sujeitas a mudança. A corruptibilidade, o *desgaste* e o envelhecimento evidenciam a fugacidade, a transitoriedade do mundo criado.

Observamos nas palavras de Agostinho que o envelhecimento é um processo, há um desgaste do corpo humano que está inserido em certo espaço e tempo.

"O tempo nos revela não corre em vão" (Confissões IV, 8). As coisas belas "nascem e morrem, e nascendo começam a existir, e crescem para alcançar a perfeição, e uma vez perfeitas, começam a envelhecer, e morrem" (Confissões IV, 10. Cf. XI, 4). Fica claro aqui a explanação de Agostinho sobre a ideia de fases, e, a velhice enquanto fase é um processo, um fato.

E, "embora nem tudo chegue à velhice, tudo perece. Logo, quando nascem e esforçam-se por existir, quanto mais depressa crescem para existir, tanto mais se apressam para não existir. Essa é sua condição..." (Confissões IV, 10). Discussão essa pertinente que remonta pensarmos o ciclo da vida, no momento em que nascemos já começamos a envelhecer, embora aprendemos em nossa cultura não dessa forma, mas não somos motivados a pensar sobre isso, pelo fato de que geraria uma certa angústia nas pessoas, mas pensar na finitude faz parte.

Isto que Agostinho diz sobre a brevidade da beleza terrena, aplica-se à brevidade de todas as coisas temporais. Passam e morrem; crescem e desaparecem; surgem e somem com a fugacidade de uma estrela cadente. São temporais: "passam

para dar lugar a outras" (Confissões, IV, 11. XI, 14). Passam e transcorrem no tempo, sucedendo-se umas às outras. Mas, afinal, o que é o tempo? "Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas, se me perguntam, e quero explicá-lo, não sei mais nada" — confessa Agostinho (Confissões, XI, 14).

Sua confissão, porém, nos diz aquilo que todos sabemos: *cremos* saber o que é o tempo, mas no fundo *ignoramo-lo*. "Contemplamos o calmo curso das horas nos ponteiros do relógio, falamos de um "ontem", de "hoje" e de um "amanhã"; de "antes", de "agora" ou "depois". Cremos saber e entender o que é o tempo. Mas, se no-lo perguntarem, se perguntamos a nós mesmos o que é realmente o tempo, veremos que de fato não o sabemos.

Para Agostinho, fica claro de certo modo que a fase do envelhecimento, ou a idade é um desgaste da pessoa no tempo e no espaço.

Assim, as fases no processo do envelhecimento poderiam ser pensadas como Kafka representa em sua obra *a metamorfose*: "Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor encontrou-se em sua cama *metamorfoseado* (...)" (KAFKA, 2010, p.13).

A metamorfose poderia representar uma súbita mudança de postura diante da vida, de idéias e pensamentos diversos dos que se tinha anteriormente e/ou que eram pressupostos e aceitos pelo seu meio. Por exemplo, uma nova ideologia política, uma nova visão religiosa ou até mesmo filosófica perante a vida, um desejo de mudança radical de profissão, ou o próprio envelhecimento, que muitos se dão conta somente quando ele chega, não pensam que é um processo pelo qual passamos.

Kafka aponta a transformação do homem em besouro, simbolicamente, mas que é passível de reflexão. Nessa linha de raciocínio tudo o que existe sofre transformações, passa por uma metamorfose. Mas esta ideia já fora discutida em outros tempos, pelo próprio Heráclito de Éfeso, na famosa questão do



devenir, ou seja, a proposta heraclitiana era que tudo sofre transformações e está em um processo de mudança. Assim também poderíamos pensar que o ser humano está em um processo de transformação, e em cada fase sofre mudanças pertinentes a fase específica, aqui nomeadamente na fase da velhice que se está a discutir.

Embora Kafka não seja conhecido e discutido na literatura gerontológica, questiona-se: que relação tem a metamorfose de Kafka com a temática? O fato está em refletir o processo do envelhecimento que é uma fase de mudanças e transformações físicas, biológicas, psíquicas e sociais tomando como referência o homem que se transforma em *besouro*. Procedamos com a reflexão.

Da mesma forma que ocorre a transformação na obra de Kafka, podemos dizer que o ser humano também passa por uma metamorfose durante toda sua vida, ou melhor, dizendo, o homem passa por fases das quais já foram tratadas. Mas a questão é a seguinte: a idéia do *besouro* pode ser pensada como o idoso que durante sua vida passou por inúmeras fases e esta, a velhice é mais uma. Nesta fase, o idoso muitas vezes afasta-se de seu círculo social por pensar, e imaginar que não é mais importante e que não faz mais parte, e acaba sendo esquecido pelo seu isolamento.

Considerações Finais

As manifestações concretas da vivência social pouco ou quase nada aparecem para alguns nesta fase; gera a chamada angústia existencial por não fazer mais parte do círculo social, por estar velho.

O idoso no contexto marxista poderia ser visto como o sujeito que não é mais produtivo, a *metamorfose*, ou a fase da velhice o transforma em *besouro* que o exclui da vida social por não mais produzir como antes, uma vez que para a ideologia da sociedade capitalista só tem valor quem produz.

Segundo Paula Carvalho (1999) um dever do adulto-idoso é viver com plenitude, desenvolvendo uma abertura e receptividade para aquelas fases por que ainda não passamos, como a morte inclusive.

A velhice enquanto fase não pode mais ser pensada como nos séculos passados, que era associada à morte, a incapacidade, improdutividade não podemos pensar ou considerar dessa forma, pelo contrário, é preciso observar que nem todas as concepções negativas se aplicam aos idosos, não é possível generalizar e dizer que todos são improdutivos, desespençados, *velhos*, mas sim que existe algo dentro de cada um que o impulsiona para frente, mesmo no processo do envelhecimento há continuidade pelo sentido da vida.

Aqui vale lembrar de Ernst Bloch, em seu livro “Princípio esperança”, quando nele escreve:

Ernst Bloch, Lê pricipe esperance. Tad. De l'allemand par Françoise Wuilmart. França : Gallimard, 1976, tomo I, partes I, II, III, p 11 – destaca que “o homem possui em si aquilo que impulsiona para adiante” - que o inquieta e põe em movimento, faz ardente e incisivo, estimula e atíça para conservar esta fervura do mais profundo de si mesmo. Quando tudo parece ruir, “do mais profundo de nós mesmos, alguma coisa surge e procura se agarrar”, é a tensão que, no sentimento, se traduz sob forma de aspiração, que se dirige para fora.

E é lá, onde há a representação de uma coisa melhor e finalmente perfeita, que nasce o desejo, pleno de impaciência e de exigência. A simples representação transforma-se, assim, em uma imagem-desejo que traz uma marca: “é assim que isto deveria ser (...). O desejo subsiste mesmo lá onde a vontade se mostra impotente”. (2000, p. 37, LOUREIRO nota de rodapé nº 11).

Assim, em BLOCH, (1976, p.305) temos: - “A desesperança é, em si mesma, tanto na experiência do fato como no seu



alcance, o estado mais intolerável; é absolutamente insuportável as necessidades humanas.”(apud LOUREIRO, 2000, p 49)

O desejo e a esperança que habitam o ser humano frente a sua incompletude levam-no a buscar ou mesmo encontrar o sentido da vida.

Referências

AGOSTINHO. Livro XI: O homem e o tempo. **In: Confissões.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 27 – 31.

AGOSTINHO. Livro IV: O que serei? **In: Confissões.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 233 – 257.

BLOCH, Ernst. **Lê príncipe esperance.** Trad. De l'allemand par Françoise Wuilmart. França : Gallimard, 1976.

CARVALHO, PAULA J.C. **Mitocrítica e arte:** trajetos a uma poética do imaginário. Londrina: Editora UEL, 1999. 247 p.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GUCCIONE, A. A. **Fisioterapia geriátrica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

JUNG, C. G. **Interpretação psicológica do dogma da trindade.** Petrópolis: Vozes, 1999. 102 p.

KAFKA, Franz. **Metamorfose.** São Paulo: Conrad, 2010.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços de estudo.** Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

NERI, Anita Liberasso. **Palavras chave em gerontologia.** Campinas, SP: Alínea, 2005.

NERI, A. L.. **O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento.** In: A. L. Neri (Org.),

2001.

NERI, A. L., & Freire, S. A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papirus. 2000.

NETTO, Matheus Papaléo. Estudo da velhice: histórico, definições do campo e termos básicos. **In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

OKUMA, S. S. **O idoso e a atividade física.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

REBELATTO, J. R.; MORELLI, J. G. S. **Fisioterapia Geriátrica: A prática da assistência ao idoso.** Barueri, SP: Manole, 2004.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, V. I.** Campinas: Papirus, 1994.

SCHWARZ, Lídia Rodrigues. **EnvelheSer: a busca do sentido da vida na terceira idade.** São Paulo: Vetor, 2009.

VIEIRA, E. B. **Manual de gerontologia.** Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 2005.